

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Cinemateca com o Doclisboa: A Viagem Permanente – O Cinema Inquieto da

Geórgia – Arte que se Expõe 1

27 e 28 de Outubro de 2020

ARABESKEBI PIROSMANIS TEMAZE / 1985

“Arabescos sobre o Tema de Pirosmani”

um filme de Serguei Paradjanov

Realização: Serguei Paradjanov / **Argumento:** Serguei Paradjanov e Kora Tsereteli / **Fotografia:** Nodar Paliachvili / **Direcção Artística:** Aleksandr Djanchiev / **Montagem:** Maria Ponomarenko / **Música:** Djansug Kakhidze / **Som:** Gari Kuntsev / **Interpretação:** Aleksandr Djanchiev (Niko Pirosmani), Leila Alibegachvili (Marguerite de Sèvres)

Produção: Kronikalur Dokumenturi Pilmebis Studia (Geórgia) / **Primeira apresentação pública:** 7 de Outubro de 1985 (URSS) / **Cópia:** do Centro Nacional do Cinema Georgiano, em DCP (original em 35 mm), cor, cartões narrados em castelhano (versão castelhana), legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 21 minutos / **Título internacional:** Arabesques on the Theme of Pirosmani / **Primeira apresentação pública:** 7 de Outubro de 1985, União Soviética / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

PIROSMANI / 1969

“Pirosmani”

um filme de Guiorgui Chenguelaia

Realização: Guiorgui Chenguelaia / **Argumento:** Erlom Akhvlediani, Guiorgui Chenguelaia / **Fotografia:** Konstantin Apriatin, Dudar Marguiev, Aleksandre Rekhviachvili / **Direcção Artística:** Vasso Arabidze, Avtandil Varazi / **Montagem:** Manana Karalachvili / **Música:** Nodar Gabunia, Vakhtang Kukhianidze / **Som:** Otar Gueguetchkori / **Interpretação:** Avtandil Varazi (Niko Pirosmanichvili), Dodo Abachidze (Kinto), Zurab Kapianidze (Uchangui), Teimuraz Beridze (Bego), Boris Tshipuria (Dimitri), Amir Kakabadze (Lado), Kote Dauchvili (o cunhado), Margo Gvaramadze, Nino Seturidze (a noiva), Rosalia Mintchin, Guivi Aleksandria, Aleksandre Rekhviachvili.

Produção: Kartuli Pilmi (Gruzia Film) / **Cópia:** do Centro Nacional do Cinema Georgiano, em ficheiro (original em 35 mm), cor, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 84 minutos / **Primeira apresentação pública:** 28 de Dezembro de 1969, Tbilissi / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 105 minutos / Sessão de dia 27 apresentada por Marcelo Felix.

Este é um programa duplo organizado em torno da pintura e da figura de Niko Pirosmani (1862-1918), pintor autodidacta que transportou para a sua obra uma ingenuidade e um maravilhamento únicos, e um importante símbolo georgiano que sacrificou a sua vida em prol da integridade da arte, morrendo pobre e sozinho. Em **“Arabescos sobre o Tema de Pirosmani”** (1985) Serguei Paradjanov (1924-1990), cineasta nascido na Geórgia e filho de pais Arménios, decompõe, reenquadra e reorganiza os motivos da fabulosa pintura de Pirosmani, relacionando-os de diferentes modos num filme estruturado em pequenos capítulos que, na sua

sucessão, nos aparecem como um catálogo dos seus principais temas: “Tiflis”, “animais”, “infecundidade e maternidade”, “banquetes”, “um passo para a imortalidade”. Um exercício encantatório que nos revela as criaturas fabulosas da pintura de Pirosmani que ganham uma outra vida através dos “arabescos” “desenhados” pelo realizador.

Paradjanov desenvolve um trabalho muito livre sobre a obra de um pintor igualmente livre. Originalmente sem qualquer narração ou informação verbal que não a inscrita nos cartões em várias línguas que pontuam o filme (é realmente pena que a cópia que projectamos hoje tenha em cima uma voz em castelhano, alterando a cadência do filme), aqui nunca vemos os quadros do pintor na sua integralidade, mas apenas através de algumas das suas partes, revelando-se personagens que em alguns momentos ganham vida em cenas encenadas para a câmara. São óbvios os traços característicos do cinema de Paradjanov – o forte simbolismo, um apurado trabalho sobre quadros fixos e sobre a cor, um certo hieratismo –, mas o que sobressai é o carácter mágico da obra do pintor, acentuado por um cuidadoso trabalho sobre a banda sonora. Filmando o trabalho de um outro artista, Paradjanov leva mais longe a sua técnica do “filme-quadro”, o que é particularmente explicitado na curiosa sequência final em que transitamos de uma representação realista do próprio pintor e dos seus quadros para um enquadramento sobre a cidade contemporânea do filme. Atravessado inevitavelmente pela metáfora, a componente metafórica de **“Arabescos sobre o Tema de Pirosmani”** é tanto mais significativa se percebermos como este é o projecto que marca o regresso Paradjanov ao cinema, o que sucede a um período de dez anos em que foi proibido de filmar, em que se incluem vários anos na prisão.

Guiorgui Chenguelaia (1937-2020), cineasta georgiano este ano falecido, assina com **Pirosmani** um dos seus filmes mais conhecidos, antecedendo o seu amigo Paradjanov em vários anos. E, como ele, assume a obra do pintor como fonte de pesquisa e experimentação visual, sublinhando neste seu filme de 1969 a liberdade do pintor e a recusa de todo o compromisso social em nome da integridade artística. Filho de Nikoloz Chenguelaia e irmão de Eldar Chenguelaia (ambos com filmes neste programa), Guiorgui pertence a uma família de cineastas com longa tradição, inscrevendo-se na geração já formada no VGIK, em Moscovo, escola onde na realidade em 1959 assina o seu primeiro documentário sobre Pirosmani, exibido na grande exposição sobre o pintor realizada em 1961 em Moscovo, que recuperava uma obra tantos anos silenciada.

Na sua vertente mais biográfica e ficcional, o filme de Chenguelaia centra-se na singularidade da personalidade do pintor, encenando vários dos momentos-chave de uma biografia que encontram naturalmente eco na pintura. Filme extremamente poético e rigoroso, o rigor de **Pirosmani** manifesta-se desde logo no facto de para o papel de Pirosmani ter sido convocado um outro pintor fundamental da cena artística georgiana, Avto Varazi. E se o filme narra alguns aspectos conhecidos da vida do pintor, a sua linguagem reitera alguns dos princípios estéticos da sua obra, funcionando de modo circular, por rimas e analogias, que nos introduzem vários dos temas pintados. As pinturas de Pirosmani aparecem disseminadas ao longo do filme nas mais variadas formas: penduradas nas paredes dos restaurantes da cidade,

reencenadas e vividas pela personagem do próprio pintor que percorre algumas das “paisagens” que pintou, ou mesmo prolongadas em “pinturas” que não pintou. Em muitos casos, magníficos planos-quadro que mimam a estética do pintor no modo como se dispõe a realidade filmada.

Recorrendo à obra de Pirosmani, Chenguelaia propõe-nos também um modo de representação próximo do modelo das miniaturas orientalistas e dos ícones ortodoxos. Abundam aqui os belíssimos planos gerais que parecem reconduzir o ecrã à sua bidimensionalidade, mas também planos frontais de personagens que são colocadas em pose (recriando-se as próprias sessões de pose do pintor). É o pintor que ocupa o centro de grande parte destas sequências-quadros, como é ele que é representado no momento da sua morte, estabelecendo-se uma directa relação com a possibilidade de ressurreição através da perpetuação da sua extraordinária obra, que os dois filmes desta sessão contribuem para disseminar. São assim várias as camadas escondidas que poderemos encontrar por detrás destes filmes, apelando-se a um duplo trabalho arqueológico que não apenas nos convida a encontrar rimas com a obra do pintor, como com as difíceis condições em que os filmes foram produzidos no contexto de um cinema fortemente censurado e frequentemente centrado sobre mitos e tradições.

Joana Ascensão